

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIANTE DA INCLUSÃO ESCOLAR

MACHADO, Roberta Aline de Freitas¹

RU: 1268912

BONFIN, Lucília Maria Goulart de Andrade²

RESUMO

A inclusão escolar é uma necessidade, e exige que a escola faça grandes mudanças e adaptações para que possam atender a grande diversidade de alunos em seu contexto. Dentre as mudanças, pode-se citar a estrutura física, materiais adaptados, capacitação de professores e suas práticas pedagógicas. As práticas pedagógicas são os métodos que o professor usa para ensinar em sala de aula, e estas afetam diretamente no aprendizado e desenvolvimento dos alunos. Entretanto, não cabe apenas ao professor a responsabilidade da inclusão e das mudanças, mas de todo o corpo escolar. Como objetivo geral e específicos a pesquisa busca compreender acerca da inclusão escolar e das práticas pedagógicas diante a inclusão. A pesquisa é bibliográfica, buscando em livros e artigos bases para evidenciar a temática. Ela é qualitativa e explicativa, pois não faz menção numérica dos dados coletados, e explica o porquê das coisas e a ocorrência de um determinado fenômeno. Como resultados da pesquisa percebe-se que a escola precisa adaptar o seu currículo para atender a diversidade de alunos na escola. Modificando todos os aspectos necessários para inclusão escolar, como: objetivos, método de ensino, práticas pedagógicas, avaliação, materiais adaptados para cada deficiência, etc. o professor deve rever suas práticas pedagógicas para que possam atender a grande diversidade de alunos em sala de aula.

Palavras-chave: Inclusão. Escola. Alunos. Práticas Pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa busca compreender acerca das práticas pedagógicas diante a inclusão escolar. Para isto, se tem por objetivo geral de compreender a importância das práticas pedagógicas na educação inclusiva. E por objetivos específicos de identificar o que é inclusão escolar; reconhecer o que são práticas pedagógicas; relacionar as práticas pedagógicas com a inclusão.

A pesquisa busca responder ao questionamento de como as práticas pedagógicas influenciam na inclusão escolar? E se justifica pela necessidade de os professores precisarem ter uma prática pedagógica que forneça as mesmas oportunidades a todos os alunos, para aprender e desenvolver os conhecimentos escolares.

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em Educação Especial. 2020/1.

² Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

O trabalho é bibliográfico, buscando em materiais como livros e artigos bases para defender a temática, bem como compor a fundamentação teórica. Tem abordagem qualitativa, que busca compreender uma situação ou fenômeno. É descritiva, que descreve uma situação real e apresenta ideias que como melhorá-la. A coleta de dados foi realizada diante a um levantamento bibliográfico.

A inclusão escolar implica em mudanças na realidade da escola, sendo necessárias transformações no seu ambiente. É necessário adaptar a estrutura física, os materiais, preparo dos professores e práticas educativas.

Incluir na escola não é apenas permitir que alunos especiais frequentem o espaço escolar, mas que participem ativamente das aulas, que aprendem de forma individual e coletiva, que participem de atividades extracurriculares, que socializem, brinquem, enfim, que façam realmente parte da escola e das aulas.

Dentro do ambiente escolar há uma grande diversidade de alunos, os professores precisam estar preparados para lidar com ela e atender as suas necessidades individuais. Também é importante o professor perceber que a diversidade é um meio para o desenvolvimento e aprendizado, pois os indivíduos aprendem uns com os outros.

A educação escolar é essencial para todos os indivíduos, e todas as crianças independente das suas deficiências deve frequentar a escolar. Mas para que as crianças possam aprender, os professores precisam reorganizar as suas metodologias de ensino e prática pedagógicas para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado.

As práticas pedagógicas inclusivas devem permitir que todos os alunos aprendam junto as demais crianças, com as mesmas oportunidades. A forma como o professor ensina em sala de aula influencia no aprendizado e desenvolvimento dos alunos, pois todas as crianças; com deficiência ou não; são diferentes, e, portanto, aprendem de forma diferente.

Em sala de aula, o professor deve atender as necessidades dos alunos, nem sempre é fácil devido à grande diversidade, mas não se pode isolar ou segregar os alunos que apresentam mais dificuldades no aprendizado. Para os alunos que apresentam dificuldades ou deficiências, o professor deve buscar meios, ou materiais diferentes para que eles consigam acompanhar o conteúdo, e também possam aprender. Dando-lhes suporte e fornecendo estrutura para que sejam construtores o próprio aprendizado.

O trabalho apresenta a seguinte estrutura: um capítulo que aborda sobre a inclusão escolar, um subcapítulo que fala sobre as práticas pedagógicas diante a inclusão, as considerações finais e as referências.

2 INCLUSÃO ESCOLAR

Mantoan (2003, p. 19) salienta que “[...] todos os alunos, sem exceção, devem freqüentar as salas de aula do ensino regular”. E sobre os alunos não se adaptam ela diz que: [...] “a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional”, as mudanças são para todos os alunos e também para os professores.

A educação inclusiva implica em mudanças em todos os setores da educação, tanto estruturais como pedagógicos, devendo a escola fornecer subsídios para o desenvolvimento e aprendizado de todos os alunos.

“[...] a educação é elemento constitutivo da pessoa e, portanto, deve estar presente desde o momento em que ela nasce, como meio e condição de formação, desenvolvimento, integração social e realização pessoal” (BRASIL, 2000, p. 09).

Na percepção de Carvalho (2004, p. 36), o conceito de escola inclusiva “[...] implica, incondicionalmente, na mudança de atitudes frente às diferenças individuais, desenvolvendo-se a consciência de que somos todos diferentes uns dos outros e de nós mesmos, porque evoluímos e nos modificamos”.

Por sua vez Rosa; Souza (2002, p. 68) tem a percepção de que “[...] a inclusão significa um avanço educacional com importantes repercussões políticas e sociais visto que não se trata de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais”.

A inclusão escolar implica em novos paradigmas educativos, a escola precisa se adaptar as necessidades de todos os seus alunos, para que possa atender a grande demanda da diversidade social existente.

Conforme Arroyo (1998, p. 41),

[...] nada justifica, nos processos educativos, reter, separar crianças, adolescentes ou jovens de seus pares de ciclo de formação, entre outras razões, porque eles aprendem não apenas na interação com os professores-adultos, mas nas interações entre si. Os aprendizes se ajudam uns aos outros a aprender, trocando saberes, vivências, significados, culturas.

No processo de inclusão nas escolas, as diferenças devem ser bases para o aprendizado, de forma que através da socialização e troca de experiências e cultura a criança cria respeito e desenvolvem conhecimentos. Pois como Ferreira (2002, p. 73) salienta, a escola deve ser vista “[...] como um espaço privilegiado de vivência compartilhada de atividades humanas”.

Rosa; Souza (2002, p. 69), percebem que “[...] é preciso reconhecer o valor das diferenças como elemento de crescimento dos sujeitos e dos grupos sociais”. Todas as diferenças trazem conhecimento, e precisa-se oportunizar aprendizado através das diferenças.

Na inclusão escolar é necessário que os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizados, promovendo materiais adaptados e atividades dinâmicas que possibilitem a inserção do aluno especial em trabalhos coletivos em sala de aula ou atividades extra curriculares.

Palhares; Marins (2002, p. 49) compreende que: “A inclusão escolar e social é compreendida como educação de qualidade para todos e não somente como acesso de alunos com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino”.

Neste sentido, compreende-se que incluir não é apenas frequentar a escola e as salas de aula, é necessário promover meios para que as crianças deficientes participem das aulas ativamente junto as demais crianças.

Segundo Maraschin; Freitas; Carvalho (2003) a inclusão escolar implica em novas mudanças na escola, trazendo transformações em diversos aspectos no ambiente escolar, cabendo a escola se adaptar as necessidades dos alunos.

Maraschin; Freitas; Carvalho (2003, p. 39) ainda afirma que:

[...] é fácil de imaginar que um aluno com deficiência será auxiliado pelo colega considerado normal; nosso desafio deve ser o oposto: devemos ser capazes de projetar situações que permitam, inclusive, que o aluno com deficiência auxilie e ensine o seu colega.

Dentro do contexto da inclusão, implica-se que todos os alunos possam se auxiliar, que tenham as mesmas oportunidades de aprendizado e possam aprender os mesmos conteúdos escolares. Para isto, Rosa; Souza (2002) compreende que é necessário a escolar abandonar modelos de ensino e práticas que sejam discriminatórios. Os autores ainda citam que: “[...] que não se trata de adequar, mas

de transformar a realidade das práticas educacionais em função de um valor universal que é o desenvolvimento do ser humano” (ROSA; SOUZA, 2002, p. 68).

Para que se inclua realmente os alunos deficientes nas escolas, é necessário também mudanças nas práticas de ensino, para que eles também possam aprender e participar da construção do próprio aprendizado.

Segundo Ferreira (2002, p. 65), a inclusão escolar deve garantir acesso e permanência dos alunos nas instituições de ensino, “[...] do mais pleno desenvolvimento escolar de todos os alunos, em um espaço de relações educacionais que valorize a diversidade como riqueza humana e cultural”.

Diante a inclusão escolar é necessário que o respeito para com as diferenças, valorizando as diferenças como diversidade cultural, e usando-as no desenvolvimento do aprendizado em sala de aula.

Mantoan (2003) percebe que na inclusão escolar o respeito deve prevalecer, não pode ocorrer discriminações e isolamentos com alunos deficientes, pois as deficiências são fixas, entretanto deve-se ter em mente que os alunos tem capacidade de aprender.

É importante que os alunos sejam tratados por eles mesmos, por seus nomes, e não por sua deficiência. Os professores devem auxiliar os alunos a enxergar além da deficiência, buscando realizar atividades coletivas e promover a socialização no ambiente escolar.

Mantoan (2003) ainda contribui dizendo que não é direito de ser igual que precisa ser visto nas escolas, mas o direito a ser diferente. De certa forma, todos os indivíduos são diferentes, e possuem a suas próprias peculiaridades. A inclusão escolar deve lutar pelo respeito a todas as diferenças, salientando que todos os indivíduos são diferentes, e fazer uso da riqueza da diversidade, como a cultural, por exemplo, para o aprendizado, pois o aprendizado com as diferenças é uma valiosa contribuição para a construção social dos alunos.

Para Glat (2007, p. 16):

A educação inclusiva significa um novo modelo de escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção das barreiras para a aprendizagem. Para tornar-se inclusiva a escola precisa formar seus professores e equipe de gestão, e rever formas de interação vigentes entre todos os segmentos que a compõem e que nela interferem, precisa realimentar sua estrutura, organização, seu projeto político pedagógico,

seus recursos didáticos, metodologias e estratégias de ensino, bem como suas práticas avaliativas. A proposta de educação inclusiva implica, portanto, um processo de reestruturação de todos os aspectos constitutivos da escola, envolvendo a gestão de cada unidade e os próprios sistemas educacionais.

Quando se fala em práticas pedagógicas é importante ressaltar a formação do professor, pois ele é quem tem o maior contato com os alunos em sala de aula. O professor deve ter conhecimentos sobre as deficiências, bem como buscar meios para inserir este aluno em sala de aula e nas atividades. Muitas vezes não são apenas ajustes, mas sim grandes mudanças, que exigem do professor conhecimentos específicos sobre cada deficiência bem como domínio de práticas pedagógicas inclusivas.

Palhares, Marins (2002) salienta que para que a inclusão ocorra na escola, é necessário que os professores busquem conhecimentos, que a escola incentive formação continuada, que se tenha uma política de educação inclusiva na escola e que seja aplicada em seu contexto.

De acordo com Glat (2007) os alunos especiais precisam de auxílio para o seu desenvolvimento e aprendizado, que podem ser:

- a) Apoio Intermitente: utilizado esporadicamente, quando necessário, em fases de mudanças bruscas na vida da pessoa e/ou situações específicas de aprendizagem, como, por exemplo, no ingresso do aluno da classe regular.
- b) Apoio Limitado: oferecido por tempo limitado: reforço pedagógico para determinado conteúdo, treinamentos para ingressar no mercado de trabalho.
- c) Apoio Extensivo: oferecido de forma periódica e regular, podendo se estender sem limitação de tempo para determinados ambientes, por exemplo, atendimento do professor itinerante na escola ou na sala de recursos, suporte do gerente do trabalho, ou outros especialistas, para adaptação no campo profissional.
- d) Apoio pervasivo ou generalizado: para indivíduos com maior grau de comprometimento; é constante, intenso, disponibilizado em todos os ambientes durante toda a vida; em geral são realizados por uma equipe multiprofissional (GLAT, 2007. p. 86).

“Dentre as várias condições a serem asseguradas ao professor, o domínio do saber para que seu fazer seja consciente, planejado e seguro pode ser um fator dos mais relevantes para a melhoria da qualidade do ensino brasileiro” (PALHARES; MARINS, 2002, p. 53).

A inclusão não prevê que os alunos deficientes apenas frequentem as escolas e as sala de aulas regulares, mas sim que eles participem das aulas, que aprendam, que se desenvolvam, com as mesmas oportunidades que as demais crianças.

Mantoan (2003) salienta que a escola precisa de adaptações físicas, deve oferecer atendimento educacional especializado para os alunos especiais, assim as crianças com deficiências têm os privilégios do ensino regular e do especial, tendo mais chances de aprendizado e desenvolvimento em todos os âmbitos necessários para a sua vida.

Inclusão escolar compreende uma transformação escolar, em estrutura física, materiais adaptados e metodologias de ensino. A busca não é apenas pela inclusão na escola, mas sim em todo o contexto escolar, especialmente no aprendizado e socialização.

2.2 PRÁTICA PEDAGÓGICAS E O PROFESSOR NA INCLUSÃO ESCOLAR

Para Mantoan (2003) o ensino baseado no método de transmissão de conhecimento e na realização de tarefas de forma individualizada cria uma barreira na inclusão escolar, pois a competição e o medo de errar impedem as crianças de aprender.

O método tradicional de ensino, baseado na transmissão do conhecimento já não é mais aceitável na escola, atualmente se tem o entendimento que os alunos devem participar da construção do próprio aprendizado, que trazem cultura e conhecimentos a escola, e cabe ao professor trabalhar com a grande diversidade existente no ambiente escolar.

Stobäus; Mosquera (2012) refletem que é necessário combater o “conteudismo”, a transferência hierárquica do conhecimento, que vai do professor para o aluno. Para muitos professores a concepção de uma inclusão total ainda não é uma possibilidade. “Essa resistência é aceitável e compreensível, diante do modelo pedagógico-organizacional conservador que vigora na maioria das escolas” (STOBÄUS; MOSQUERA, 2012, p. 34).

Na maneira tradicional de ensinar, a competição entre os alunos e a homogeneização das respostas e de comportamentos esperados, a transmissão do conhecimento e o pavor de errar impedem alunos e professores de contemplar as diferenças e de reconhecer a riqueza que

elas aportam ao desenvolvimento dos processos educativos, dentro e fora das escolas (STOBÄUS; MOSQUERA, 2012, p. 31).

As estratégias pedagógicas são essenciais para o desenvolvimento dos alunos, "[...] é uma atividade intencional, planejada conscientemente, visando atingir objetivos de aprendizagem" (LIBÂNEO, 1994, p. 96).

Para Morin (2011, p. 49-50):

Cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade, e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais, sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno.

As práticas pedagógicas no ambiente escolar devem prezar pelo desenvolvimento e aprendizado de todos os seus alunos. Precisando abranger a grande diversidade existente em sala de aula.

Para Nóvoa (1995, p. 76):

A mudança em educação não depende diretamente do conhecimento, porque a prática educativa é uma prática histórica e social que não se constrói a partir de um conhecimento científico, como se tratasse de uma aplicação tecnológica. A dialética entre conhecimento e ação tem lugar em todos os contextos onde a prática acontece.

Na inclusão escolar, as práticas pedagógicas devem contribuir para o desenvolvimento dos alunos, com qualidade de aprendizado, buscando novos métodos de ensino que abranjam todas as crianças em sala de aula. Para isso, é necessário que o professor leve em consideração a diversidade em sala de aula, bem como as individualidades de cada criança.

Segundo Nóvoa (1995, p. 77):

As mudanças educativas, entendidas como uma transformação ao nível das idéias e das práticas, não são repentinas nem lineares. A prática educativa não começa do zero: quem quiser modificá-la tem de apanhar o processo "em andamento". A inovação não é mais do que uma correção de trajetória.

Os alunos com dificuldades de aprendizado, precisam de adaptações para que possam aprender e se desenvolver no ambiente escolar. As práticas educativas precisam sofrer mudanças para que atinjam todas as crianças em sala de aula, pois apenas desta forma, haverá a real inclusão escolar, pois a educação deve fazer parte do contexto social de todos os indivíduos, independente das suas deficiências.

[...] a educação deve desempenhar o papel central na transformação do homem nesta estrada da formação social consciente de gerações novas, a educação deve ser a base para a alteração do tipo humano histórico. As novas gerações e suas novas formas de educação representam a rota principal que a história seguirá para criar o novo tipo de homem. Neste sentido, o papel da educação e da educação politécnica é extraordinariamente importante. As idéias básicas que justificam a educação politécnica consistem em uma tentativa de superar a divisão entre o trabalho físico e intelectual e reunir pensamento e trabalho que foram separados durante o processo de desenvolvimento capitalista (VYGOTSKY, 1930, p. 12).

Segundo Perrenoud (2001) para que ocorra a inclusão dos alunos na escola, primeiramente dos professores devem se adaptar as características individuais de cada aluno, criando atividades que possam ser realizadas por todas as crianças, de forma coletiva e individual. A prática e metodologia de ensino usada pelos professores em turmas com alunos deficientes, influencia muito no aprendizado e desenvolvimento dos alunos.

É importante que os professores revejam as suas práticas de ensino, favorecendo o aprendizado de todos os alunos, sendo possível diversificar os estilos de ensino, experimentando qual melhor se adapta a cada turma. Pois todos os alunos, em suas peculiaridades, são diferentes, e possivelmente aprendem de forma diferente. Desta forma é importante:

Adotar metodologias de ensino diversificadas, que contemplem estilos de aprendizagem variados; Solicitar informações ou atuações com ordens claras e sequenciais, em lugar de instruções gerais, explicações muito longas e pouco precisas; Favorecer, sempre que possível a experiência direta, acompanhada de demonstração e mediação de um professor mais experiente; Desenvolver práticas que favoreçam a mediação do professor e dos colegas; Priorizar atividades e solicitar tarefas de duração breve. Com objetivos distintos; Estimular a demonstração de habilidades e talentos individuais que a o conhecimento formal em tarefas que exijam trabalhos e ajuda mútua; Mudar a rotina de sala de aula em relação a organização do espaço físico; Avaliar o progresso diário do aluno, sua aprendizagem utilizando suas próprias produções como parâmetro, evitando comparações com os demais (RODRIGUES, 1999, p. 99).

Na percepção de Aranha; Laranjeira (1995, p. 9) “[...] é preciso estabelecer, sob novas bases, a relação entre o professor e o aluno, de modo que se repense ambos os papéis, refletindo sobre a bi-direcionalidade e a interdependência que configuram as relações pessoais, para que nos fiquem claras as suas consequências”.

Para Rosa; Souza (2002, p. 68):

[...] efetivar a inclusão é preciso [...] transformar a escola, começando por desconstruir práticas segregacionistas. [...] a inclusão significa um avanço educacional com importantes repercussões políticas e sociais visto que não se trata de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais.

As práticas educacionais em sala de aula para efetivar a inclusão, precisam ser inclusivas, de nenhuma forma pode excluir os segregados os alunos. Os professores precisam reorganizar a sua forma de ensino, remodelando as suas metodologias e práticas pedagógicas, para que todos os alunos possam aprender juntos em sala de aula.

Nesse sentido, Aranha (2003, p. 26) cita que:

A atenção à diversidade da comunidade escolar baseia-se no pressuposto de que a realização de adequações curriculares pode atender a necessidades particulares de aprendizagem dos alunos. Consideram que a atenção à diversidade deve se concretizar em medidas que levam em conta não só suas capacidades intelectuais e os conhecimentos dos alunos, mas, também, seus interesses e motivações.

O aprendizado dos alunos portadores de deficiência deve focar nas suas capacidades e não nas suas limitações. Ou seja, possibilitar que esta criança aprenda diante a sua capacidade, auxiliando-a a construir o próprio aprendizado, utilizando-se de práticas pedagógicas e materiais adaptados que a permitam se desenvolver e compreender os conteúdos regulares junto as demais crianças.

As mudanças não vêm apenas dos professores, são necessárias mudanças em todo o contexto escolar, de forma que todo o corpo docente tenha consciência das necessidades da inclusão. Compete aos gestores coordenar o currículo escolar e projeto pedagógico para atender a grande diversidade de alunos existentes na escola. Pois bem como afirma Glat (2007), não se pode falar em práticas pedagógicas na escola, sem abordar currículo escolar e o projeto pedagógico, pois estes são os que regem e direcionam a práticas educativas na escola.

[...] a escola inclusiva precisa possuir um bom projeto pedagógico, diante do qual, toda a equipe escolar irá discutir tentar entender, promover transformações em sua organização e funcionamento, visando atender aos diversos tipos de necessidades. É fundamental também, que os professores desenvolvam o domínio teórico-prático sobre as concepções de ensino e aprendizagem, buscando sempre o aperfeiçoamento de sua prática, mediante observação sistemática dos avanços e necessidades/dificuldades dos alunos (RIBEIRO; LIMA; SANTOS, 2009, p. 94-95).

Ribeiro; Lima; Santos (2009) os resultados do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, são diretamente incumbidas as escolas, mas principalmente aos professores e a seu método de ensino, ou práticas pedagógicas.

Desta forma é essencial que o professor que o professor busque aprimorar o seu próprio conhecimento e práticas pedagógicas e metodologias de ensino. Buscando melhoras os resultados dos seus alunos, e também os seus próprios conhecimentos como profissional da educação.

Sendo que o modelo de ensino e as práticas educativas não são apenas responsabilidade dos professores, Aranha (2003) observa que as escolas precisam realizar modificações no seu currículo, devem envolver todos os aspectos necessários para a inclusão, como objetivos, método de ensino, conteúdos, processo de avaliação, práticas pedagógicas, materiais adaptados de acordo com cada deficiência, professores capacitados. Desta forma, pode-se compreender que as adaptações curriculares são:

[...] possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adaptação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Nessas circunstâncias, as adaptações curriculares implicam a planificação pedagógica e as ações docentes fundamentadas em critérios que definem o que o aluno deve aprender; como e quando aprender; que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem; como e quando avaliar o aluno (ARANHA, 2003, p. 34).

A pluralidade em sala de aula deve ser considerado um fator de desenvolvimento e crescimento para todos os alunos. Assim o professor precisa usar de práticas inclusivas de forma pedagógica que seja capaz de atender as necessidades de todas as crianças, sob nenhuma forma usar práticas pedagógicas seletivas ou exclusivas entre os alunos.

Segundo Glat (2007, p. 25) “[...] a maioria dos alunos que fracassa na escola não tem, propriamente, dificuldade para aprender, mas sim dificuldade para aprender da forma como são ensinados”.

Rodrigues (2006) compreende que:

Um professor não é um técnico (no sentido de aplicar técnicas relativamente normalizadas e previamente conhecidas) nem é um funcionário (isto é, uma pessoa que executa funções enquadradas por uma cadeia hierárquica perfeitamente definida). [...] professor exige uma grande versatilidade [...] e seja capaz de delinear e desenvolver planos de intervenção em condições muito diferentes. [...] Não podemos esquecer quais foram os interesses que esse conhecimento serviu [...]. O conhecimento da diferença não é sempre positivo; podemos conhecer para melhor segregar (RODRIGUES, 2006, p. 6).

A forma como o professor ensina influencia o aprendizado e desenvolvimento da criança. Assim, o professor precisa reconhecer que muitas vezes a dificuldade de aprendizado da criança, não está na criança, mas sim no professor. Este é um reconhecimento que nem sempre os professores conseguem fazer, ou muitas vezes nem consideram como existem. Assim, há a necessidade de uma nova reflexão por parte dos professores, revisão dos seus conceitos e das suas práticas pedagógicas, visando sempre melhorar na sua atuação junto ao processo de ensino e aprendizado dos alunos.

Uma prática pedagógica na perspectiva da educação inclusiva, precisa de algumas atenções especiais para a sua elaboração, como:

- Aceitar a diversidade como condição inata do ser humano;
- Refletir sobre o papel desempenhado pelos professores. O professor deve assumir que a sua função não é a de transmitir conhecimentos, mas possibilitar que os alunos tenham acesso a eles;
- Considerar que a metodologia que se propõe em prática deve ser suficientemente flexível para não impedir nem dificultar adaptações ou inovações posteriores;
- Reconhecer que a metodologia é um elemento dinamizador da prática docente e que, portanto, deve permanecer aberta tanto ao programa curricular da escola como ao da aula (GONZALEZ, 2002, p. 145-146)

O professor em sala de aula, precisa buscar práticas pedagógicas que sejam satisfatórias para todos os alunos. Entretanto, nem sempre a mesma irá funcionar com todos os alunos, o que implica em sempre estar aprendendo e se especializando, especialmente quando se compreende que há uma grande diversidade de aluno em sala de aula. Ele não é imutável, que nunca pode alterar a

forma de ensino, ele pode sim, e muitas vezes precisa, para que possam atender a diversidade de alunos em sala de aula.

A reflexão que o professor desenvolve sobre sua prática não pode ser um ato solitário. Ela demanda diálogo, troca de experiências, trabalho em equipe. Portanto, a construção de saberes docentes é coletiva e na Educação Inclusiva, ela deve envolver além dos professores do ensino comum, os professores do ensino especializado numa ampla rede de colaboração (FONTES, 2012, p. 73).

A escola deve ser um espaço democrático, precisa proporcionar um ensino que seja eficaz, com aulas dinâmicas e criativas, com novas práticas pedagógicas que integrem saberes, metodologia e conteúdos focados em todos os alunos, sem exclusão ou segregação.

Sejam quais forem as limitações do aluno, adaptar currículos, facilitar tarefas e diminuir o alcance dos objetivos educacionais concorrem para que rebaixemos o nível de nossas expectativas com relação à potencialidade desse, para enfrentar uma tarefa mais complexa, diferente. Ninguém sabe, de antemão, o que uma pessoa é capaz de captar de uma situação, de um objeto, de um momento educacional. Muitos professores têm a falsa idéia de que podem determinar o que é passível de ser melhor assimilado por esta ou por aquela criança e esperam que os alunos atendam as suas expectativas. (STOBÄUS; MOSQUERA, 2012, p. 34).

Minetto (2008) contribui dizendo que a prática pedagógica para ser significativa e inclusiva, precisa de novos conhecimentos, aprendizagem independente das dificuldades, conhecimentos específicos, entre outros.

Novas práticas pedagógicas para a inclusão são necessárias, entretanto elas exigem o abandono de práticas educativas ultrapassadas, onde o conhecimento fica detido no professor, sendo ele o centro do processo de ensino e aprendizado e o aluno apenas recebe as informações. É necessário que os professores se atualizem e busquem novos métodos de ensinar para que consigam fornecer um ensino de qualidade para todos os seus alunos, independente da deficiência, dificuldade, limitação, transtorno, entre outros. A escola e a educação deve ser um espaço social, que forneça oportunidades de aprendizado e desenvolvimento para todos os alunos, com igualdade e respeito.

2.3 METODOLOGIA

A pesquisa é bibliográfica, que segundo Vergara (2000, *apud* Oliveira, 2011), é realizada a partir de materiais já elaborados por autores, como livros e artigos científicos, usados para o levantamento de informações básicas para desenvolver o referencial teórico do trabalho.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Marconi e Lakatos (2005) compreendem que a pesquisa bibliográfica é caracterizada pela análise de materiais já publicados, que soa usados para compor a fundamentação teórica da pesquisa, e permitem responder aos questionamentos da mesma.

Tem a sua abordagem qualitativa, segundo Denzin; Lincoln (2006), envolve uma abordagem que interpreta o mundo, permitindo entender os fenômenos sobre determinado assunto.

Silva (2004) a pesquisa qualitativa busca compreender um fenômeno específico, geralmente de natureza social e cultural, com descrições, interpretações e comparações, sem fazer menção a quantidade.

Também é explicativa, que explica o porquê das coisas através de uma pesquisa. Gil (2010) salienta que a pesquisa explicativa busca identificar a ocorrência de um determinado fenômeno, também busca um aprofundamento científico da realidade, pois tem a preocupação de identificar fatores de uma determinada ocorrência.

A pesquisa bibliográfica foi realizada diante a uma análise seletiva, identificando obras que abordavam a temática, e descartando as que não se relacionam com a temática.

Os dados coletados buscaram demonstrar a importância da temática pesquisada, permitindo compreender a importância da inclusão escolar e como a mesma ocorre de forma prática na escola. Bem como compreender o que são

práticas pedagógicas, e a importância de o professor buscar aprender novos métodos e práticas de ensino para incluir todos os alunos no processo de ensino e aprendizado em sala de aula.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a inclusão escolar é de responsabilidade de todo o corpo escolar. Sendo uma necessidade atual. A escola que quer ser inclusiva, precisa se reestruturar, realizar transformações na escola, e estas se relacionam a estrutura física, materiais adaptados para cada deficiência, professores capacitados e práticas de ensino.

A escola precisa rever o seu currículo, de forma a torna-lo inclusivo, revendo todos os aspectos, como objetivos, conteúdos, métodos e práticas de ensino, materiais adaptados, entre outros aspectos de suma importância para que a inclusão realmente ocorra na escola.

No processo de inclusão é necessário perceber que busca-se o respeito as diferenças e a diversidade, cabendo ao professor fazer uso destas para o próprio aprendizado. Todos os indivíduos aprendem uns com os outros, é necessário proporcionar meios e práticas pedagógicas para que os alunos regulares e os alunos deficientes possam aprender juntos, com as mesmas oportunidades.

Incluir não é apenas permitir que os alunos frequentem a escola, mas que participem ativamente das aulas e do processo de ensino e aprendizado, sendo construtores do próprio conhecimento. No princípio da inclusão a escola é quem deve se adaptar as necessidades dos alunos, e isto implica na maneira de ensinar e em recursos para a criança aprender.

As escolas precisam rever seus currículos, os adaptando para que a escola tenha propostas inclusivas em todo o seu ambiente, bem como as práticas pedagógicas e metodologias de ensino. Entretanto o currículo deve ser flexível, pois o professor precisa ter autonomia para encontrar uma prática pedagógica que seja satisfatória para todos os alunos em classe.

Percebe-se que as práticas pedagógicas influenciam no aprendizado e desenvolvimento dos alunos, ou seja, elas estão diretamente ligadas ao processo de ensino e aprendizado. Neste sentido, salienta-se a sua importância para o processo

de inclusão escola, de forma que o professor encontre uma prática de pedagógica de ensino que atinja todos os alunos em sala de aula.

A inclusão escolar deve compreender as necessidades individuais de cada criança, e buscar meios e recursos para que todos possam aprender e se desenvolver, de forma coletiva e individual, em todos os âmbitos, como: afetivo, social, emocional, cognitivo, intelectual, motor, entre outros.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. Coord. **Estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais**. SEESP/MEC. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/serie4.pdf>> Acesso em: 01/07/2020.

ARANHA, M. S. F., LARANJEIRA, M. I. **Brasil, século XX, última década**. Mimeo, 1995.

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2000.

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos "is"**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, Naura Syria (org.). **Supervisão Educacional para uma Escola de Qualidade**. São Paulo: Cortez, 2002.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLAT, Rosana (org.). **Educação Inclusiva: cultura e cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MARASCHIN, C; FREITAS, L. B. L; CARVALHO, D. C. **Psicologia da educação: multiversos sentidos, olhares e experiências.** Porto alegre: UFRGS, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NETO, A. V.; SCHMIDT, S. (Orgs.) **A educação em tempos de globalização.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓVOA, A. **Profissão Professor.** Portugal: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração.** Catalão: UFG, 2011. p. 72.

PALHARES, M. S.; MARINS, S. C. **Escola inclusiva.** São Carlos: EDUFSCAR, 2002.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício do professor.** Profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RIBEIRO, G. F.; LIMA, T. S.; SANTOS, M. C. Inclusão escolar em Feira de Santana: caracterização da prática pedagógica. *In:* RIBEIRO, G. F.; LIMA, T. S.; SANTOS, M. C. **Educação inclusiva, Deficiência e contexto social: questões contemporâneas.** Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-09.pdf>> Acesso em: 02/07/2020.

RODRIGUES, D. **Dez ideias (mal) feitas sobre a Educação Inclusiva.** 2006. Disponível em: <http://www.ceeja.ufscar.br/dez_ideias_sobre_deficientes> Acesso em: 02/07/2020

ROSA, de E. G.; SOUZA V. C. (org.) **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

SILVA, Cassandra Ribeiro de O. **Metodologia e organização do projeto de pesquisa: guia prático.** Fortaleza, CE: Editora da UFC, 2004.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

VYGOSTSKY. L. S. **A transformação socialista do homem.** URSS: Varnitso, 1930.

GONZÁLEZ, José Antonio Torres. **Educação e diversidade: bases didáticas e organizativas.** Porto Alegre: ARTMED, 2002.

STOBÄUS, Claus Dieter. MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Educação Especial em direção à educação inclusiva.** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Disponível

em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/digitalizacao/diversos/85-7430-354-2.pdf>> Acesso em: 03/07/2020.

MINETTO, Maria de Fátima. **O currículo na educação inclusiva**: entendendo esse desafio. 2 ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

FONTES, Rejane de Souza. **Ensino Colaborativo**: uma proposta de educação inclusiva. Araraquara: Junqueira & Marin, 2009.